



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**GT3 Africanidades e Brasilidades em
Direitos humanos e políticas públicas**

**HAITIANOS SÃO AFRODESCENDENTES?
REFLEXÕES SOBRE IMIGRAÇÃO E AFRICANIDADE**

Ana Paula Kuczmynda da Silveira
Renata Waleska de Sousa Pimenta
Rita de Cássia da Silveira Cordeiro

Resumo: Pensar africanidade no Brasil geralmente remete à presença dos africanos desde o tempo colonial, mas será que podemos pensar que no século XXI esse conceito ganha novos contornos a partir da presença de imigrantes haitianos? Estes chegam na condição dentro de uma nova concepção de refugiados e vivenciam uma realidade racista e discriminatória, semelhante à realidade vivenciada pelos negros no Brasil. Dada a realidade de exclusão motivada por questões étnicorraciais e sociais, o que se observa é que as políticas públicas ainda não contemplam esse novo grupo. Assim, uma nova problemática se impõe no que concerne às discussões acerca da africanidade e Direitos Humanos.

Palavras-chave: Imigrantes haitianos; Políticas públicas; Racismo.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Introdução

Neste artigo temos como objetivo apresentar reflexões acerca dos conceitos de africanidade e negritude e suas implicações na análise de questões pertinentes à imigração haitiana no Vale do Itajaí (SC). Tendo em vista ser esse um processo recente, que vem se acentuando ao longo dos últimos cinco anos, e que apresenta características diversas daquelas que marcaram outros movimentos migratórios para a região, a diáspora haitiana para o autodenominado “Vale Europeu” apresenta contornos e implicações bastante próprias.

Como todo discurso é sócio-histórico e ideologicamente situado e revela um horizonte axiológico implicado na constituição do próprio sujeito que o produz (BAKHTIN, 2012), destacamos que as discussões e reflexões apresentadas ao longo deste artigo têm sua origem em um conjunto de experiências vividas por nós, autoras deste artigo, como professoras e coordenadoras de um projeto de letramento de haitianos em língua estrangeira - neste caso, o português - desenvolvido no Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Gaspar, desde 2015. Para materializar a discussão à qual aqui nos propomos, dividimos este artigo em três seções ao longo das quais: (1) traçamos um panorama geral da imigração haitiana para o Brasil; (2) apresentamos considerações acerca da constituição sócio-histórica da região conurbada em que se situam as cidades de Blumenau e Gaspar, no Médio Vale do Rio Itajaí Açu, em Santa Catarina e acerca da dinâmica de vida dos haitianos nessa região; (3) discutimos, com base nas experiências vividas para a implantação do projeto mencionado, as implicações que os conceitos de africanidade e negritude têm para se pensar as particularidades da situação em tela.

1. Panorama da imigração haitiana para o brasil

O cenário histórico de imigração haitiana para o Brasil, segundo o Itamaraty, compara-se com o de italianos e de japoneses, que desembarcaram no país entre o período imperial e os primeiros anos da República (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013, p. 95). O motivo para a vinda desses sujeitos para o Brasil é



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

resultado de acontecimentos contemporâneos no Haiti e de acordos internacionais. Em 2004, o Conselho de Segurança da ONU criou a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti) com o intuito de restaurar a ordem no país após um período de crise política e nesse contexto o Brasil foi apontado pela ONU como líder dessa missão com objetivos pacificadores no Haiti (ALESSI, 2014, p.2).

Somado a um cenário social caracterizado por extrema pobreza e violência, o terremoto que abalou o país em 2010 potencializou a vulnerabilidade desta nação, impulsionando o processo migratório dos haitianos para o Brasil (AUDEBERT, 2011). Se inicialmente o processo de imigração dos haitianos era ilegal, a resolução normativa 97/2012 do Conselho Nacional de Imigração garantiu o visto humanitário permanente aos haitianos, condicionado ao prazo de 5 anos, sem a necessidade de contrato de trabalho estabelecido previamente no Brasil (PACIFICO, 2013, p. 108).

Como aponta Audebert (2011), o início da diáspora haitiana não data de 2010, sendo, de fato, bem anterior a isso e motivado por questões de ordem econômica e política que se acentuaram no Haiti ao longo da segunda metade do século XX, provocando sucessivos movimentos migratórios que, historicamente, dirigiram-se principalmente em direção aos Estados Unidos e, mais recentemente, ao Canadá, à Europa e ao Brasil. Atualmente, segundo o mesmo autor, um milhão e meio de haitianos vivem no exterior (esse número chega a dois milhões se incluirmos gerações subseqüentes, constituídas pelos filhos dos imigrantes), o que é equivalente a quase 20% da população do país de origem (AUDEBERT, 2011).

Muitos dos haitianos que migram para o Brasil com o objetivo de reconstruírem suas vidas são qualificados profissionalmente, apresentam histórico de formação técnica ou superior e fluência em mais de dois idiomas. Esse fato é ratificado por Audebert (2011), o qual aponta que são principalmente os haitianos que concluem a graduação que consideram espaços diaspóricos como uma possibilidade de construírem novas trajetórias em suas vidas. Segundo o autor, a emigração ao longo das últimas quatro décadas mobilizou cerca de 30% dos haitianos em idade



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

ativa com ensino secundário e 84% daqueles com nível superior. Todavia, o que se observa é que ao serem empregados no Brasil, esses imigrantes são explorados e não possuem seus direitos trabalhistas assegurados (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013, p.106), o que, estimamos, tem relação com questões de natureza cultural e racial.

No caso específico do Vale do Itajaí, a presença haitiana começou a ser observada principalmente ao longo dos últimos cinco anos, a partir de um movimento migratório movido pelo discurso de “prosperidade” dessa região, amplamente divulgado na mídia, e pelo mercado de trabalho superavitário que vêm atraindo tanto sujeitos recém-imigrados (diretamente do Haiti), como aqueles antes instalados em outra parte do país, uma particularidade que também caracteriza esse movimento diaspórico - a mobilidade de residência nos territórios de imigração.

2. Problematização do contexto da imigração haitiana para o Vale do Itajaí

As questões relativas à imigração haitiana para essa região específica, na qual se situa o câmpus Gaspar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), local em que atuamos como professoras e gestoras, despertaram a nossa atenção há cerca de dois anos, período no qual esse movimento migratório se intensificou e ganhou notoriedade, a partir de demandas apresentadas à gestão do câmpus pela comunidade externa em reuniões do colegiado do câmpus, nas quais contamos com a presença de representantes da sociedade civil. Essas demandas sublinhavam a “preocupação” por parte do empresariado com a inserção dos imigrantes haitianos no contexto das indústrias locais e com o “abismo cultural” que assinalava esse movimento. Naquele momento, solicitavam, tendo isso em vista, um curso que oportunizasse a esses “trabalhadores” a aprendizagem da língua portuguesa e dos “hábitos, costumes e cultura da indústria da região” assinalados, no dizer desses sujeitos, por características muito próprias do Vale do Itajaí e derivadas da imigração alemã e italiana.

A despeito do estranhamento com que recebemos essas demandas em um



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

primeiro momento, tendo em vista os índices valorativos que se marcavam nesse discurso, movemo-nos no sentido de procurar compreender, por um lado, quem eram esses imigrantes e que demandas educativas efetivamente apresentavam e, por outro, no sentido de buscar compreender como e por que esse acento valorativo negativo emprestado à figura do imigrante haitiano materializava-se no discurso que, naquele tempo-espço, representava o empresariado local.

Lembramos que o município de Gaspar está situado na microrregião de Blumenau (SC), autodenominada “Vale Europeu”, em alusão ao contexto de origem dos municípios desse entorno geográfico, o qual remonta à imigração europeia - preponderantemente alemã e italiana - que se efetivou principalmente da metade do século XIX ao seu término. Lembramos também que esse movimento de imigração, ao contrário daquele que agora observamos por parte da comunidade haitiana, foi fomentado pelo governo durante o Império e a primeira República como parte de um projeto de branqueamento da população brasileira; como estratégia de ocupação da região sul do Brasil (de forma a garantir a posse desse território e evitar investidas de países vizinhos) e como estratégia de desenvolvimento nacional a partir da substituição da mão de obra escrava por trabalhadores europeus livres e com desejável experiência em atividades agrícolas e de manufatura (SILVEIRA, 2013).

Assim constitui-se a microrregião, formada por uma zona conurbada em torno da cidade-polo - Blumenau - e uma série de outros municípios que dela se separaram no bojo do movimento nacionalista patrocinado pelo governo Vargas ao longo das décadas de 1930 e 1940 (SILVEIRA, 2013). Caracteriza esse contexto socioeconômico e cultural específico, na contemporaneidade, o elevado índice de desenvolvimento humano (0,806 em 2010, conforme dados disponíveis no site do IBGE), as características étnicas de sua população (marcadamente branca e de descendência europeia) e os arranjos produtivos locais organizados em torno da indústria têxtil e de vestuário, de software e de alimentos.

Nesse contexto, compreendemos de que lugar discursivo se enuncia o empresariado local ao solicitar da instituição de ensino o curso mencionado e ao



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

deixar implícita uma determinada visão do imigrante haitiano, uma vez que as concepções identitárias dos grupos sociais ou instituições são demarcadas socialmente por meio de práticas discursivas assinaladas por um dado horizonte axiológico, constituído na e pela cultura, ao longo de um processo histórico e ideológico de constituição dos próprios sujeitos que compõem tais grupos e instituições, uma vez que a própria noção de sujeito é, por si só, uma construção histórica (ORLANDI, 2012, p. 103). Analisar as representações socioidentitárias que são oriundas dessas construções discursivas são o objeto da próxima seção e envolvem uma discussão em torno dos conceitos de africanidade e negritude.

3. Haitianos no Vale do Itajaí - reflexões sobre africanidade e negritude

A produção dos sentidos no e por meio do discurso se efetiva a partir dos processos de significação desse discurso mobilizados por sujeitos constituídos no contexto das diversas interações que se efetivam na sociedade, as quais são mediadas pela linguagem e estão imbricadas à cultura e à sócio historicidade constitutiva de cada grupo social e, numa abordagem mais ampla, dos espaços (temporais e geográficos) em que esses grupos interagem.

Dessa forma, é possível compreendermos que, em Santa Catarina, no médio Vale do Itajaí, constituíram-se municípios em que, em virtude da maneira como se efetivou a colonização, foram cultivados valores e hábitos culturais que implicam, contemporaneamente, na configuração de setores produtivos - principalmente a indústria do vestuário - com forte tradição alemã no que diz respeito à gestão dos processos e da produção.

Assim, entendemos que os sentidos que emergem do discurso mencionado sobre a demanda formativa dos imigrantes haitianos estão pautados em uma conjuntura histórico-cultural e axiológica muito particular e no estranhamento em relação à cultura do outro. Mas o que mais há por trás desse discurso? Que outras implicações e questionamentos a ampliação da comunidade haitiana no Vale do Itajaí traz à tona?

A partir da demanda que nos foi apresentada pela sociedade civil, movimentamo-



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

nos no sentido de pensar que oferta formativa realmente poderia contribuir para a inserção social da comunidade haitiana no contexto de emigração.

No segundo semestre de 2015, em parceria com a Universidade Regional de Blumenau (FURB) e com a Cáritas Diocesana de Blumenau, iniciamos a oferta de uma turma do curso de formação inicial e continuada de Português e Cultura Brasileira para Estrangeiros, com 160 horas de duração, atendendo 40 alunos. No final do ano, a partir da oportunidade oferecida por um edital da Pró-reitoria de extensão do IFSC, a essa oferta se somou outra, especialmente voltada às mulheres haitianas e vinculada ao Programa Mulheres Sim. No início de 2016, tendo em vista o número crescente e cada vez mais significativo de imigrantes que acorriam ao curso, foi aberta uma segunda turma do curso de Português e Cultura Brasileira para Estrangeiros, contando com a parceria das mesmas instituições. Ao final de um ano, já estávamos na quarta oferta, tendo passado pelo curso mais de 120 imigrantes, em sua maioria homens, com ensino médio concluído e idade entre 20 e 30 anos.

Nesse percurso, observamos que, ao contrário de outras regiões do estado em que esses imigrantes recebem apoio de instituições públicas ou sem fins lucrativos, muitas das quais religiosas, que os recebem, orientam e levantam suas demandas (inclusive formativas e de empregos), na região de Blumenau esse processo não vem ocorrendo dessa forma.

O diálogo com essa comunidade de imigrantes vem nos apresentando, diariamente, o desafio de compreender, por um lado, quem são esses sujeitos, como se constituíram e como se constituem no diálogo entre a microcultura em que estão inseridos e a macrocultura com a qual interagem, que perfis de formação prévia apresentam e, por outro, como a sociedade em que estão se inserindo os percebe, como os empregadores os veem e que demandas formativas são resultado desse processo, uma vez que muitos desses sujeitos relatam grande dificuldade de inserção no mundo do trabalho, o que, parece-nos, num primeiro olhar, ter relação com questões diversas vinculadas à cultura do trabalho na região, mas também com a formação prévia (e que pode ser comprovada) desse sujeitos e com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

questões vinculadas à concepção racial e cultural da população do Vale.

Silva (2013), ao tratar do conceito de negritude e de suas influências na formação de uma identidade negra, aponta que esse envolve três diferentes acepções: de caráter biológico, psicológico e cultural, tendo como objetivo a afirmação da cultura negra e a busca pela afirmação ou reabilitação de identidade negra - a qual é plural - não somente no que diz respeito à raça, no seu sentido social, mas também no que tange à cultura. Essa é uma primeira questão que precisamos sublinhar: a identidade negra não é homogênea, portanto, não se pode pensar negritude a partir de uma visão generalista e estereotipada. Todavia, os olhares da sociedade sobre e para a população negra insiste no processo de homogenização e inferiorização. Gomes (2003) afirma que,

Não se trata de cairmos no racismo biológico, nem de afirmarmos que o fenótipo é o único determinante da posição ocupada pelas pessoas na sociedade brasileira. Trata-se de compreender que há uma lógica gerada no bojo de uma africanidade recriada no Brasil, a qual impregna a vida de todos nós, negros e brancos. E isso não tem nada de natural. Essa inexistência de algo puramente natural na sociedade pode ser vista inclusive quando ponderamos sobre a existência das teorias racistas. Embora elas apregoassem trabalhar somente com os dados biológicos para atestarem a suposta inferioridade do negro, na realidade elas operavam e ainda operam o tempo todo no campo da cultura. (p.78).

Talvez esse seja um primeiro desafio para aqueles que dialogam com os haitianos recém-imigrados: ainda que exista semelhanças fenotípicas e, sobretudo, um historicidade que aproxime a população brasileira da haitianos, muitas vezes, as raízes e os vínculos culturais com a cultura negra e com a africanidade já se diluíram. A chegada dos haitianos ao Brasil é resultado de uma diáspora contemporânea e suas raízes e memórias culturais são muito vívidas. Igualmente, a identidade cultural dos dois grupos sociais é bastante diversa, enquanto o negro brasileiro muitas vezes ainda se rescinde de um processo histórico de exclusão social que muitas vezes o levou a viver à margem da sociedade e lhe negou o acesso à escolaridade, principalmente ao ensino médio e superior; os haitianos recém-imigrados, como já dito, frequentemente compõem a parcela escolarizada da população do seu país de origem e passaram por um processo de constituição



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

de uma nacionalidade que configurou outros tipos de disputas que não as étnicorraciais.

Isso parece implicar um duplo estranhamento - se, por um lado, a sociedade local percebe os haitianos recém-imigrados a partir de um horizonte apreciativo que associa o negro a uma parcela menos escolarizada ou economicamente menos favorecida da população; os imigrantes não se reconhecem dentro desses parâmetros identitários, uma vez que historicamente construíram a partir das vivências culturais em seu país de origem a noção de pertencimento, nos termos de Hall (2003), a uma cultura dos grupos sociais nos quais se constituíram sujeitos no Haiti.

A partir das questões que levantamos na convivência com os estudantes haitianos e no diálogo com os empresários que os recebem no mercado de trabalho, buscamos qualificar o nosso olhar e alargar o nosso horizonte de observação no sentido compreender como as redes de assistência social e as demais instituições de ensino os percebem. O que temos observado, nesse movimento, é que a despeito do contexto socioeconômico complexo existente no Haiti e que os levou à imigração, o pertencimento à cultura haitiana é algo que os identifica e de que eles não desejam (nem devem) abrir mão, ainda que essa cultura assim como a sua identidade vá sendo modificada continuamente no diálogo com os sistemas culturais que os representam e os interpelam (HALL, 2003).

No que tange à comunidade haitiana, algumas questões ainda pesam nessa discussão e que parece levar a uma tripla exclusão: (1) as empresas situadas no médio Vale do Itajaí recebem, com frequência, trabalhadores estrangeiros, o que parece ser visto por eles como desejável e ser valorado positivamente em seu discurso, no entanto, ao trabalhador haitiano, também estrangeiro, é atribuído um valor negativo e um acento depreciativo, seja em virtude da questão racial que estimamos estar aí subentendida, seja em virtude do próprio status atribuído ao seu país de origem; (2) ainda que negros, sob o ponto de vista fenotípico e da cultura, os haitianos não são africanos (ainda que possamos entendê-los numa perspectiva de africanidade), o que veta o acesso deles a programas existentes em



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

universidades da região para o acolhimento de estudantes de países de língua portuguesa na África; (3) por fim, os haitianos, em virtude de não terem (e por vezes não desejarem) a cidadania brasileira, não têm acesso a políticas públicas como a lei de cotas para acesso às universidades.

Interessante também sublinhar o fato de que o Haiti é um país em que a imensa maioria da população é negra, portanto, para muitos dos imigrantes o preconceito racial ou a diferenciação racial - a partir de uma percepção de negritude, espaços de negritude e africanidade - é uma novidade. Conforme as observações verbalizadas por esses sujeitos, agora nossos estudantes, ver-se e saber-se negro a partir do olhar do outro - do brasileiro residente no Vale do Itajaí - é um desafio a mais no processo de imigração e de inserção social da comunidade haitiana, em parte por que a maneira como a comunidade local os vê é divergente daquela como eles mesmos se enxergam. Por isso, pensar políticas públicas para essa população precisa, necessariamente, incluir o diálogo com os imigrantes e a leitura deles de mundo, inclusive a maneira como constroem sua identidade como imigrantes e como se veem nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o conceito de imigrante e de africanidade é uma tarefa extremamente complexa quando se pensa na história brasileira. Isto porque esses dois conceitos ganham nuances de acordo com os horizontes apreciativos de cada sujeito histórico participe deste processo, assim como as trajetórias, interesses e concepções de mundo. O Instituto Federal de Santa Catarina – campus Gaspar pôs-se a pensar nos referidos conceitos a partir das demandas oriundas da presença dos imigrantes haitianos na região do Vale do Itajaí.

Inicialmente os processos formativos foram projetados a partir de demandas pontuais destacadas pelos empresários da região, todavia o contato frequente com os alunos haitianos descortinou novas perspectivas e distintas demandas, levando-nos a refletir sobre a africanidade a partir do prisma do imigrante haitiano. Uma das inferências iniciais do projeto de pesquisa pressupõe que os haitianos, ao imigrarem para o Brasil, defrontam-se com a percepção do diferente, do “ser negro”.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Mas já não seriam esses sujeitos históricos negros? Partindo da ideia de que a identidade negra é constituída sócio historicamente, os haitianos não se percebiam diferentes enquanto negros quando imersos em sua própria cultura dada a conjuntura histórica desta nação. Na condição de imigrantes no Brasil, os haitianos vivenciam as discriminações oriundas do racismo, percebendo-se assim “negros” neste novo cenário social. Desta maneira, os processos de exclusão gerados pelo racismo e pela discriminação racial promovem o sentimento de pertença dos imigrantes haitianos em relação à negritude e africanidade.

No que se refere às políticas públicas o que nota-se é a necessidade de adequação das mesmas à essa nova realidade concernente à negritude. Muitos elementos ainda carecem de serem esclarecidos e mesmo com as limitações deste projeto já fpo possível perceber que as políticas educacionais voltadas para o ensino de português como língua estrangeira são ressignificadas quando pensadas na proposta do acolhimento e inserção sociocultural. Pensar-se imigrante negro no Brasil pressupõe a mínima compreensão dos elementos sócio históricos que marcam o Brasil e aproximam os negros brasileiros dos negros imigrantes africanos a partir das relações de marginalização.

REFERÊNCIAS

- ALESSI, Mariana Longhi Batista. *A recente migração de haitianos para o Brasil*. Anais do V Seminário Nacional Sociologia & Política. Curitiba: 2014.
- AUDEBERT. C. *La diaspora haitienne: vers l'emergence d'un territoire de la dispersion?* CELIUS, C. A. Le défi haitien: economie, dynimique sociopolitique et migration, Paris: L'Harmattan, pp. 193-212, 2011. Horizons Amerique Latine.
- BAKHTIN, 2012 BAKHTIN, M.M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2012.
- GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago, p. 75 – 85, 2003.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. UFMG, Belo Horizonte, 2003.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PACÍFICO, A. M. C. P. ; PINHEIRO, T. K. F. . O status do imigrante haitiano no



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Brasil após o terremoto de 2010 sob a perspectiva do Pós-Estruturalismo. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento*, v. 1, p. 107-125, 2013.

SILVA, K.R.R. da. *Resistência e subjetividades: marcas da africanidade e negritude na poética de José Craveirinha e Oliveira Silveira*. 2013. 113 f.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Paraíba, 2013.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynda da. *A Configuração da disciplina de língua portuguesa em regiões de imigração: o caso da cidade de Blumenau*. 2013. 732 f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2013.

MORAES, I. A.; ANDRADE, C. A. A. de; MATTOS, B. R. B.. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. *Revista Conjuntura Austral*, Vol. 4, nº. 20, Out./Nov., 2013.